

SILENCIAMENTO INFANTIL DE CADA DIA – OS IRMÃOS BAUDELAIRE FORA DA FICÇÃO

Clarissa Paiva de Freitasⁱ

Resumo

Desventuras em série é uma sequência de treze livrosⁱ, classificados como “literatura infanto-juvenil”, de autoria do escritor e cineasta norte-americano Daniel Handler. Assinando sob o pseudônimo de Lemony Snicket, o autor narra as desventuras dos irmãos Baudelaire que, após perderem os pais em um incêndio criminoso, são perseguidos pelo temível Conde Olaf. Este, ocultando sua verdadeira face sob os mais toscos disfarces, sempre deixou clara, pelo menos aos olhos das crianças, suas reais intenções: apoderar-se da enorme fortuna herdada pelos jovens Baudelaire. Intenção esta que Olaf pretendia alcançar a qualquer custo, mesmo que isso significasse abreviar a vida dos três órfãos. Observando a negligência e total despreparo, emocional e burocrático, de todos os adultos que cruzam o caminho tortuoso dos Baudelaire, este trabalho tem por objetivo propor uma leitura crítica e reflexiva sobre a não condição discursiva da criança e sobre como a descridibilidade da fala infantil garante a manutenção de um sistema hierárquico dos mais velhos sobre os mais jovens, perpetuando casos de abuso e opressão.

Palavras-chave: Silenciamento infantil; literatura infanto-juvenil; *Desventuras em Série*.

SILENCIAMIENTO INFANTIL DE CADA DÍA – LOS HERMANOS BAUDELAIRE FUERA DE LA FICCIÓN

Resumen

Las desventuras en serie son una secuencia de trece libros, clasificados como "literatura infanto-juvenil", de autoría del escritor y cineasta estadounidense Daniel Handler. Bajo el pseudónimo de Lemony Snicket, el autor narra las desventuras de los hermanos Baudelaire, que después de perder a los padres en un incendio criminal, son perseguidos por el temible Conde Olaf. Este, ocultando su verdadera cara bajo los más toscos disfraces, siempre dejó clara, al menos a los ojos de los niños, sus reales intenciones: apoderarse de la enorme fortuna heredada por los jóvenes Baudelaire. Intención esta que Olaf pretendía alcanzar a cualquier costo, aunque eso significara abreviar la vida de los tres huérfanos. Bajo la negligencia y el total despreparo, emocional y burocrático de los adultos que cruzan el camino tortuoso de los Baudelaire, este trabajo tiene por objetivo proponer una lectura crítica y reflexiva sobre la no condición discursiva del niño y sobre cómo la descodificación del habla infantil garantiza, el mantenimiento de un sistema jerárquico de los más viejos sobre los más jóvenes, perpetuando casos de abuso y opresión.

Palabras clave: Silenciamiento infantil; literatura infanto-juvenil; *Desventajas en serie*.

1 – Introdução

Desventuras em série (A series of unfortunate events) conta as desventuras dos irmãos Baudelaire que, após ficarem órfãos em circunstâncias bastante suspeitas, peregrinam de casa em

ⁱ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – UFC / Email: clla_pf@hotmail.com

ⁱ Mau Começo; A Sala dos Répteis; O Lago das Sanguessugas; Serraria Baixo-Astral; Inferno no Colégio Interno; O Elevador Ersatz; A Cidade Sinistra dos Corvos; O Hospital Hostil; O Espetáculo Carnívoro; O Escorregador de Gelo; A Gruta Gorgônea; O Penúltimo Perigo; O Fim.

casa, lutando por suas vidas que estão ameaçadas pelo temível Conde Olaf, cuja única intenção é pôr as mãos na enorme herança dos Baudelaire, nem que para isso seja preciso interromper precocemente a vida de três crianças inocentes.

Os irmãos são personagens cativantes, com personalidades únicas e inventivas, resgatando, nos leitores de todas as idades, uma instantânea identificação com os protagonistas ao evocar recordações, alegrias e medos, comuns a toda infância. Violet é a mais velha: tem 14 anos, é inventora e adora trabalhar com experimentos mecânicos. Klaus, de 12 anos, é um pesquisador muito inteligente, com uma surpreendente memória eidética, que adora ler e está sempre com um livro à mão. Sunny, por fim, é um bebê de dentes afiados, cuja principal ocupação é morder coisas. Já Conde Olaf, grande vilão que se faz presente nos 13 volumes da série, é um fracassado ator de teatro e assassino cujo principal interesse é o dinheiro da família Baudelaire.

A história acontece na década de 30, misturando fantasia, anacronismo tecnológico e conhecimento científico. De acordo com Tardeli (2007), os livros da série:

Estão classificados na corrente literária steampunk, subgênero de ficção especulativa que narra uma história do passado ou de um mundo que lembre épocas passadas, mas com tecnologia moderna. Este gênero é originário da cultura cyberpunk: era tecnológica vitoriana, clima noir e pulp fiction, com engrenagens, máquinas, sociedades secretas, ocultismo, teorias de conspiração e horror gótico. (Tardeli, 2007, p. 11)

Ao mesmo tempo em que a linguagem dos livros é simples, ela é também bastante rica, graças à habilidade de Handler em fazer uso de palavras “difíceis” trazendo seu significado, com muita graça, dentro das falas do personagem-narrador e depois as emprega em contextos diversos.

É muito útil, quando se é jovem, saber a diferença entre “literal” e “figurado”. Se alguma coisa acontece no sentido literal, acontece de verdade; se acontece no sentido figurado, dá a impressão de estar acontecendo. Se você está literalmente pulando de alegria, por exemplo, quer dizer que você está dando saltos no ar porque se sente muito feliz. Se você está pulando de alegria figuradamente, o que isso quer dizer é que você se sente tão feliz que poderia pular de alegria, mas está poupando sua energia para outros fins. (...) Em seguida, foram para o seu quarto e se acotovelaram na cama única, lendo com atenção e na maior felicidade. Figuradamente, eles escaparam ao conde Olaf e a sua existência miserável. Não escaparam literalmente, porque continuavam na casa dele e vulneráveis aos seus maléficis procedimentos *in loco parentis*. (SNICKET, p. 68-69)

Ao fazer usos de brincadeiras satíricas, Handler conquistou uma legião de fãs, entre adultos e crianças, assim, *Desventuras em série* se diferencia daquelas obras que, como afirma César Aira (2001), tentam separar os domínios da infância e da vida adulta:

Pensando minha própria aversão à literatura infantil, agregaria que o que a sublitteratura faz não é inventar seu leitor, operação definidora da literatura genuína, mas dá-lo por inventado e concluído, com traços determinados pela suspeitosa raça dos psicopedagogos: de 3 a 5 anos, de 5 a 8, de 8 a 12, para pré-adolescentes, adolescentes, meninos, meninas; seus interesses se dão por sabidos, suas reações

estão calculadas. Fica obstruída de entrada a grande liberdade criativa da literatura, que é em primeiro lugar a liberdade de criar o leitor e fazê-lo criança e adulto ao mesmo tempo, homem e mulher, um e muitos.

C.S. Lewis, autor das “*Crônicas de Nárnia*”, em seu ensaio “*Três maneiras de escrever para Crianças*” (2005), também critica a separação entre histórias infantis e não infantis: *Inclino-me quase a afirmar como regra que uma história para crianças de que só crianças gostam é uma história ruim. As boas permanecem. Uma valsa da qual você só gosta enquanto está dançando não é uma bolsa valsa* (2005, p. 743). É importante entender, ainda, que criar histórias simplificadas para o público infantil é subestimar as crianças. Existe o preconceito de que:

(...) as crianças são seres tão diferentes de nós, com uma existência tão incomensurável à nossa, que precisamos ser particularmente inventivos se quisermos distraí-las. (...) nada é mais ocioso do que a tentativa febril de produzir objetos material ilustrativo, brinquedos ou livros supostamente apropriados às crianças. (BENJAMIN, 1994, p. 237)

O questionamento “qual seria a faixa etária adequada para *Desventuras em Série*?” não cabe neste caso. A literatura não pode ser simplificada a faixas etárias. Crianças são tão diferentes, adultos são tão diferentes... A literatura não precisa ser dividida em etapas: uma criança que leu *Desventuras em Série*, por exemplo, pode crescer, reler a obra, com maior maturidade e maior compreensão de aspectos estéticos, sociais e culturais, e gostar mais ainda, já que provavelmente vai perceber que há muito mais lá do que ela havia percebido antes.

Desventuras em Série, graças a sua enorme aceitação pelo público em geral, fora adaptada para as telas duas vezes. A primeira adaptação foi lançada em 17 de dezembro de 2004, como um filme de longa-metragem estadunidense, com duração de 108 minutos. Recebeu três indicações ao Oscar 2004 (EUA), nas categorias de melhor direção de arte, melhor figurino e melhor trilha sonora e uma indicação ao MTV Movie Awards 2004 (EUA), na categoria de melhor vilão. Em novembro de 2014, a Netflix anunciou a produção de uma série de televisão de todos os livros para transmissão on-line. *A series of unfortunate events* estreou na plataforma em 13 de janeiro de 2017. Os roteiros seguem fiéis ao material original, com um tom sombrio que é interrompido por jogos de palavras – que ajudam a mostrar a inteligência de alguns personagens enquanto ampliam o vocabulário dos espectadores de maneira nada pedante – e também de quebras de quarta parede. A estética também permanece fiel aos livros. Os efeitos visuais são intencionalmente exagerados, assim como os cenários mantêm características teatrais repletos de anacronismos. Como será possível identificar nos itens que se seguem, além da trama inovadora e provocativa, *Desventuras em Série* problematiza uma quantidade considerável de questões sociais. As observações a seguir dão conta de identificar, em nosso cotidiano, as semelhanças – dos Baudelaire e a realidade de muitas crianças fora da ficção – de tratamento dispensado a infância de modo geral, alertando para

o fato de que muitas das situações de violência vividas pelos três irmãos, e que podem chocar os leitores, são situações bem presentes em nosso cotidiano, constantemente varridas para debaixo do tapete perpetuando um silenciamento cruel a muitas infâncias ameaçadas.

1 – Reflexões sobre o silenciamento infantil e demais problemáticas sociais

Antes de refletir sobre a situação discursiva da criança e sobre o espaço a ela destinado em sociedade, é preciso nos remeter à significação do que é ser criança. Não só nos tempos da Idade Média, mas nos dias atuais, a sociedade ainda não lida com total clareza sobre o que é ser criança. Mito se fala sobre necessidades, cuidados, preocupações com estas, garantia de direitos, acesso a educação e a viver cada etapa de suas vidas com ludicidade e proteção, contudo, é notório que desde o período medieval a criança não era compreendida, tão pouco tratada como tal. Para PRIORE (1999), “na mentalidade coletiva, a infância é entendida como um período sem expressão, sem grande personalidade, diríamos uma provável esperança, o que denota a falta de valorização com que estas eram vistas”.

Durante a Idade Média, até o século XIX, o nascimento de uma criança era cercado de rituais pois acreditava-se que esta seria a forma correta de trazê-la ao mundo, como também prestar cuidados para com estas a fim de possibilitar que elas sobrevivessem. Se por um lado havia toda uma expectativa quanto ao nascimento destas, por outro a falta de cuidados essenciais para que elas permanecessem vivas era grande. Desde aspectos mais básicos como higiene, alimentação, vestuário, os mitos e lendas que se fortaleciam frente a toda falta de conhecimento, o despreparo para com necessidades tão particulares e certo desleixo para com os pequenos, dentre tantas causas, são as que mais as levaram (e ainda leva) a óbito.

Seguindo essa desvalorização da infância, durante o período marítimo, no século XIV, a criança era vista como um pequeno adulto e, portanto, uma mão de obra a mais nas embarcações. A fome, as doenças venéreas, as guerras e naufrágios deixaram a mão de obra adulta reduzida, o que fez com que as crianças fossem cotadas para assumir essas atividades – que obviamente estavam além de suas capacidades – o que para alguns pais era meio de que o filho aprendesse uma profissão, para outros era a forma de garantir uma renda a mais. Mas não importava o que queriam ou o que pensavam essas crianças que, sem escrúpulo algum de suas famílias, eram lançadas à própria sorte (DEL PRIORE, 1999). Nesse quadro de irracionalidade humana para com a infância, aconteciam as mais desconcertantes barbáries: torturas e abusos físicos, sexuais e psicológicos, além da fome e doenças que faziam parte da vida destas crianças nas embarcações. A total falta de respeito à infância marcou para sempre a memória da história da criança. Olhar os infortúnios

destas ante a total inércia dos seus algozes, demonstra a falta de sentimento e importância que norteava a visão de infância. Nos dias atuais, as mudanças têm ocorrido paulatinamente, mesmo com leis próprias para as crianças, estas ainda são desvalorizadas.

Ao contar a história dos três órfãos Baudelaire – Violet, Klaus e Sunny – que após terem perdido seus pais em um misterioso incêndio, são levados por um banqueiro responsável – Sr. Poe – a seu novo guardião legal: Conde Olaf, *Desventuras em Série* deixa claro que o único interesse de Olaf nas crianças é de tomar-lhes o dinheiro da herança, e isso ele tenta fazer das maneiras mais perversas. Apesar da sequência de pessoas boas que se prestam, posteriormente, a acolher as crianças, em pouco eles ajudam os órfãos Baudelaire a se livrar de Olaf. O motivo é simples: as crianças nunca são escutadas. Livro após livro, uma vez que os irmãos enxergam através do disfarce do vilão, existe uma tentativa de denúncia, e esta é sempre dispensada como fruto da imaginação das crianças. O que garante aos Baudelaire vencer cada uma das artimanhas dos vilões são seus próprios talentos e a engenhosidade de cada um. Violet, com sua habilidade para a engenharia mecânica, cria máquinas simples e outras engenhocas que lhe permite sair de muitos sufocos e Klaus usa suas habilidades de leitura e pesquisa para encontrar fatos obscuros e informações que salvam os órfãos de situações aparentemente sem esperança. Sunny, que é apenas um bebê, demonstra discernimento diante de muitas situações, o que nos leva de volta a capacidade instintiva da criança em perceber situações tristes e arriscadas que envolvem sua vida.

Essa visão de que a criança deve ficar sobre tutela de um adulto até que atinja idade suficiente para cuidar-se sozinha pode ser encontrada nos escritos de Platão na Antiguidade, pois sua concepção de infância está muito ligada à ideia de incapacidade da criança de tornar-se um adulto capaz de seguir regras e viver em sociedade, cumprindo seus deveres para merecer seus direitos, sem o amparo e suporte de adultos que as conduzam, já que os pequenos são vistos como destituídos da razão. Uma vertente que predominou dentre as visões que se criaram da criança é a de que ela seria incapaz de pensar por si mesma, potencialmente possuidora da razão, porém incapaz de desenvolvê-la sozinho.

Assim, Platão, que nos assegura nas Leis (808 d/e) que como as ovelhas não podem ficar sem pastor, senão se perdem, assim também e mais ainda nenhuma criança pode ficar sem alguém que a vigie e controle em todos os seus movimentos, pois a “criança é de todos os animais o mais intratável” (“ho de pais pantôn theriôn esti dusmetacheiristotaton”), na medida em que seu pensamento, ao mesmo tempo cheio de potencialidades e sem nenhuma orientação reta ainda, o torna o mais ardiloso...

Essa criança ameaçadora na sua força animal bruta, essa criança deve ser domesticada e amestrada segundo normas e regras educacionais fundadas na ordem da razão (logos) e do bem tanto ético quanto político, em vista da construção da cidade justa. (GAGNEBIN, 1997, p 85-86).

Essa visão da criança como incapaz, chegando ao nível do animalesco ao julgar necessário um adestramento, é justamente o que mantém os Baudelaire e muitas outras crianças ao redor do mundo, em situação de vulnerabilidade social. Além de não serem ainda o foco de atenção, as crianças eram duplamente mudas, nas palavras de Kátia de Queirós Mattoso (Del Priori, 1992). Não eram percebidas, nem ouvidas. Nem falavam, nem delas se falava. Ao limitar a fala, questionar a capacidade infantil de perceber o mundo ao seu redor, duvidar de sua razão e sobretudo de que elas podem compreender o que é bom e o que mal (ainda que não saibam explicar bem os por quês), é o que, por exemplo, permite que muitos casos de abuso sexual, ocorridos dentro do ambiente familiar, sejam desacreditados, tratados como excesso de imaginação, abafados e, em casos extremos, perpetuado, deixando sequelas para toda a vida.

Com a morte dos pais, os três irmãos Baudelaire, padecem sob um falho sistema de adoção que não é tão rígido em buscar informações sobre quem pretende adotar: não consultando a índole, condições sociais, emocionais e a salubridade do ambiente doméstico oferecido as crianças. Acima de tudo, uma vez que o processo de adoção é concluído, cessa também o interesse pelo bem-estar das crianças; se estão sendo bem cuidados, se seus direitos têm sido assegurados e se o novo lar lhes permite viver tranquilamente sua infância. Violet, Klaus e Sunny logo reconhecem a hostilidade do ambiente, o estado precário de suas acomodações e as más intenções de seu anfitrião. Quando encontram-se diante da possibilidade de denúncia e pedido de ajuda, suas falas são postas em dúvida. Deslegitimadas por serem crianças, são forçadas a regressarem para um ambiente claramente perigoso.

Em seu livro *A Ordem do Discurso* (1996), Foucault mostra como certos discursos são ignorados ou excluídos por conta de direitos privilegiados do sujeito que fala, sendo muitas as situações nas quais as falas infantis têm muito pouca ou nenhuma validade. A construção do enredo em *Desventuras em Série* explicita o único impasse para a validação das crianças no mundo social: a exclusão de seus discursos pelos indivíduos adultos. Em *Desventuras em Série*, esse “silenciamento” é evidente em vários momentos: quando as crianças tentam avisar ao Sr. Poe que Olaf tentou assassiná-las e ele diz que elas estão exagerando; quando Violet é forçada a casar com Olaf em um espetáculo e tenta avisar à plateia de que é tudo real, mas é ignorada; quando Olaf tenta culpar uma cobra de estimação pela morte do tio das crianças, e elas atestam à docilidade do animal, mas são ridicularizadas.

A questão é o modo como esta relação de poder, em seu extremo, possibilita que os adultos assumam posturas abusivas contra as crianças, de forma semelhante a outros desequilíbrios de poder históricos. Muito se discute sobre a situação da criança e do adolescente, formas de acolhida,

proteção e garantia de direitos mas o que se esquece, por vezes, é que apesar da pouca idade e “inexperiência”, estes jovens têm suas denúncias, seus pedidos de ajuda e possuem uma total capacidade de percepção. O discurso do “respeito aos mais velhos”, “calar na presença dos mais velhos”, “aceitar sem questionar as escolhas dos adultos porque estes sabem o que é melhor para as crianças”, são discursos que ultrapassam, muitas vezes, os limites seguros e saudáveis da educação levando ao silenciamento opressivo de crianças e adolescentes que se encontram em situações de risco tais como os irmãos Baudelaire.

Violet, Klaus e Sunny enfrentaram condições insalubres de moradia, violência física, doenças, sequestro, cárcere privado, trabalho escravo, viram de perto o consumo em excesso de drogas lícitas (como álcool e cigarro), tentativa de homicídio, tiveram de sobreviver a desmoronamentos, incêndios, foram testemunhas de atos violentos e até mesmo da morte de pessoas que lhes eram próximas, queridas e confiáveis. No que isso difere da realidade de milhares de crianças e adolescentes ao redor do mundo? Vivenciamos uma sociedade em que a criança está envolta a direitos de cidadania, mas sem condições para exercê-la.

A série, utilizando-se de uma narrativa peculiar, crítica, ainda, várias instâncias da sociedade.

1. *Desventuras em Série – Mau Começo*: crítica ao sistema de adoção, tutela e herança;
2. *Desventuras em Série – Sala dos Répteis*: reflete sobre a superficialidade nos processos investigativos e em como, mais uma vez, o depoimento de crianças e adolescentes é desconsiderado, nem chegando sequer a serem solicitados;
3. *Desventuras em Série – O Lago das Sanguessugas*: aqui a crítica é mais profunda e relaciona-se aos diversos tipos de medo, síndromes de pânico, pensamentos repetitivos e como tais sentimentos são paralisantes; crianças seguidamente desamparadas pelas autoridades, frequentemente expostas a situações de riscos e que ainda precisam lidar com a dor da perda de pessoas que lhes eram confiáveis, voltando a depender unicamente de seus próprios esforços para sobreviver.
4. *Desventuras em Série – Serraria Baixo-Astral*: vai criticar o trabalho escravo e a presença de crianças em tais condições. Como muitas delas, escondidas por trás da fachada de grandes empresas e marcas, perdem sua infância e minam sua saúde em troca de “moradia” e “alimentação”.
5. *Desventuras em Série – Inferno no Colégio Interno*: critica o sistema educacional, a falta de estrutura para a acolhida de crianças em situação de vulnerabilidade social, falta de capacitação e o bullying.

6. *Desventuras em Série – O Elevador Ersatz*: propõe sutilmente uma reflexão sobre o mundo da moda e padrões sociais ao apresentar a personagem Ésme Squalor, uma mulher totalmente vazia, que vive em função de seguir a moda o que a torna uma pessoa totalmente sem personalidade. O livro nos exorta a pensarmos sobre o porquê de gostarmos de alguma coisa: “*Nós genuinamente nos interessamos por aquilo, ou simplesmente queremos mostrar aos outros que seguimos uma tendência?*”

7. *Desventuras em Série – A Cidade Sinistra dos Corvos*: aqui Lemony Snicket nos mostra que leis, que deveriam ser voltadas ao bem público, podem tornar-se coisas catastróficas e de juízo retorcido, principalmente nas mãos de um seletivo e elitista grupo de pessoas. Também nos mostra como uma massa pode ser facilmente manipulada por uma voz mais potente e que não adianta apenas ser uma pessoa boa se ficamos calados e nos omitimos diante de injustiças.

8. *Desventuras em Série – O Hospital Hostil*: aqui vê-se muito do sentimento de impotência que as crianças experimentam quando os adultos não lhes dão ouvidos. O tratamento desumano, ao qual o título já faz alusão, reflete o que de mais sombrio pode estar oculto em ambientes que se prestam a cuidar e reestabelecer, física e mentalmente, a integridade das pessoas.

9. *Desventuras em Série – O Espetáculo Carnívoro*: o autor aqui explora o preconceito que se faz com pessoas diferentes, tornando-as aberrações e o quão nociva essa prática é pois, a afirmação do preconceito e sua propagação, alcançam na própria vítima uma visão distorcida sobre si mesma.

10. *Desventuras em Série – O Escorregador de Gelo*: aqui a reflexão é sobre integridade de caráter e corrupção e se haveriam, suficientemente, pessoas descentes capazes de impedir que o mundo caia em desespero. Aqui vemos os irmãos Baudelaire optando por decisões pouco louváveis justamente por serem crianças; é possível perceber que essa concepção se ergue sob o ideal de pureza e bondade de uma criança mesmo que estas estejam padecendo sob as mais torpes situações. Cotidianamente, sabe-se que a infância, como um todo, está ameaçada, independentemente da classe social, da cultura e do ambiente – familiar ou educacional.

11. *Desventuras em Série – A Gruta Gorgônea*: este livro é um forte aprendizado sobre como as crianças, com suas habilidades, união e criatividade, muitas vezes são capazes de fugir as adversidades tornando-se mais maduras e mais fortes diante da tristeza e dos infortúnios.

12. *Desventuras em Série – O Penúltimo Perigo*: uma das críticas mais importantes nesse livro é a concepção de moralidade, nobreza e inocência. Ao longo dos livros, os próprios irmãos Baudelaire fizeram atos que podem ser considerados injustos ou imorais, justificando-os como atos necessários para suas sobrevivências, o que leva o leitor a refletir sobre diversas situações em que julgávamos

fazer o correto mas que aos olhos dos demais, pode ter sido interpretado como injustiça.

13. *Desventuras em Série – O Fim*: uma das críticas do livro gira em torno de um novo personagem – Ishmael – um ditador que finge pregar a simplicidade e igualdade, mas que costuma drogar as pessoas para torná-las fáceis de manipular. Ao final da narrativa sobre os irmãos Baudelaire – para nós, porque para eles continua – vemos protagonistas transformados por seus trajetos, por suas infâncias perdidas, cansados dessa constante fuga que, como o próprio título diz, são desventuras em série.

Por mais que seja apresentado como mais uma obra de literatura infanto-juvenil, Daniel Handler soube desenvolver com bastante graça um assunto tão delicado como o local da criança em nossa sociedade.

2 – Considerações Finais

Este trabalho teve como agente motivador refletir sobre a condição discursiva da criança e sobre o silenciamento a elas imposto ao longo de toda a sua infância. Para compreender melhor esse processo repassamos algumas visões sobre como a criança era/é vista e tratada em sua relação social para com os adultos e como se posicionam e tem sua relevância reconhecida e respeitada nos mais diversos ambientes.

Desventuras em Série segue conquistando milhares de pessoas ao redor do mundo, sendo vendida como uma coleção infanto-juvenil e que pelo vergonhoso estigma de “literatura não pertencente ao cânone” acaba muitas vezes passando longe de ambientes acadêmicos e principalmente da sala de aula, na qual não há espaço para as (des)aventuras de três crianças “tolas”.

A verdade é que essa série nos mostra de modo bastante direto a realidade de muitas crianças ao redor do mundo, porém estas não possuem o grau de instrução que os Baudelaire possuíram antes de iniciarem a saga pela qual se tornaram conhecidos; foram as habilidades adquiridas com estudos e leituras que permitiram aos irmãos escapar de muitas situações com vida e seguir lutando para se libertarem desse ciclo de desventuras. A realidade é bem diferente dessa ficção que tão bem soube explorar esse assunto do silenciamento infantil. Muitas crianças ao redor do mundo não dispõem das habilidades dos pequenos Baudelaire; não é difícil imaginar o que acontece e acontecerão com elas em situações semelhantes.

Esse estudo permitiu observar que discursos antigos sobre a infância sobreviveram ao tempo e permanece na ideia de que fazemos dela hoje, é claro que houve muitos avanços, como o

reconhecimento da criança enquanto cidadã na legislação, leis que foram fundamentais para melhorar a vida da criança, mesmo que de poucas, pois é possível ver que a infância de hoje está longe de ser melhor do que as de outros tempos, pois ainda assistimos a todo o momento atrocidades sendo cometidas às crianças de toda parte do mundo.

Referências Bibliográficas

- AIRA, C. *Contra la literatura infantil*. In: Babelia, suplemento de *El País*, 22 de Dezembro de 2001.
- BENJAMIN, W. Livros infantis antigos e esquecidos. In: BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 235-243.
- DVD *Desventuras em Série (Lemony Snicket – A Series of unfortunate events)*. DreamWorks, Paramount Pictures, 2004. 108 minutos.
- FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *História social da infância no Brasil*. 5. ed., rev. e ampl São Paulo: Cortez, 2003. 334 p.
- Gagnebin, Jeanne Marie. *Infância e pensamento*. In: Ghiraldelli, Paulo jr. (org). *Infância, escola e modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997. P. 83-100.
- LEWIS, C.S. Três maneiras de escrever para crianças. In: LEWIS, C.S. *As Crônicas de Nárnia*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 741-751.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Pensamento Cultrix, 1974.
- Pelisoli, C., & Dell'Aglio, D. D. (2007). Características familiares no contexto do abuso sexual. In: C. S. Hutz (Org.). *Prevenção e Intervenção em Situações de Risco e Vulnerabilidade* (pp.205-245). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- PRIORE, Mary Del. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.
- SNICKET, L. *Desventuras em série – Mau começo*. Tradução de Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SNICKET, L. *Desventuras em série – A Sala dos Répteis*. Tradução de Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SNICKET, L. *Desventuras em série – O Lago das Sanguessugas*. Tradução de Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SNICKET, L. *Desventuras em série – Serraria Baixo-Astral*. Tradução de Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SNICKET, L. *Desventuras em série – Inferno no Colégio Interno*. Tradução de Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SNICKET, L. *Desventuras em série – O Elevador Ersatz*. Tradução de Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SNICKET, L. *Desventuras em série – A Cidade Sinistra dos Corvos*. Tradução de Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SNICKET, L. *Desventuras em série – O Hospital Hostil*. Tradução de Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SNICKET, L. *Desventuras em série – O Espetáculo Carnívoro*. Tradução de Carlos Sussekind. São

Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SNICKET, L. *Desventuras em série – O Escorregador de Gelo*. Tradução de Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SNICKET, L. *Desventuras em série – A Gruta Gorgônea*. Tradução de Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SNICKET, L. *Desventuras em série – O Penúltimo Perigo*. Tradução de Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SNICKET, L. *Desventuras em série – O Fim*. Tradução de Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SILVA, Leonardo da. Reflexões sobre Literatura e Infância em *Desventuras em série*. Mafuá, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 14, 2010.